

Apresentação

Jean Carlo de Carvalho Costa
José Henrique Artigas de Godoy

Em *Por que ler os clássicos* Ítalo Calvino argumenta que toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira. E continua, afirmando que um clássico é aquele que “nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, p.11). Joaquim Nabuco e seus textos encontram-se, sem dúvida, neste grupo de autores e obras.

É certo que um clássico não se mede pela antiguidade, mas é certo também que aqueles que assim se mantêm por anos e por décadas não suplantam o peso e a estatura dos que são clássicos por séculos. Há clássicos de nascença, como dizia Antonio Candido sobre *Raízes do Brasil*. Há clássicos por aceitação e legitimação do grande público, como *Casa Grande e Senzala*. Há ainda clássicos que o são, pois não perderam a atualidade, continuam não só instigantes, mas provocadores. Joaquim Nabuco e seu *O Abolicionismo* são exemplares deste perfil provocador, radical, na classificação do mesmo Antonio Candido (CANDIDO, 1990).

Os autores clássicos são aqueles que o tempo não diminui a centralidade da força explicativa de seus argumentos. A força de um clássico se mede pela potência que ele representa para determinado campo em que atua. Os clássicos que estão na estrada como referências paradigmáticas há séculos são as grandes figuras, os cânones, os reconhecidamente imortais.

Alguns destes imortais não atingiram os céus em vida, muitos estiveram à frente de seu tempo e foram incompreendidos, outros, por sua vez, foram louvados e reverenciados publicamente. Há ainda um terceiro tipo de clássico, aquele que vive a glória, mas também o ostracismo. Neste grupo encontramos grandes vultos que se tornaram, por decreto ou reconhecimento, os bastiões do Estado brasileiro. José Bonifácio está entre eles. Joaquim Nabuco também.

Bonifácio subiu aos céus, de “patriarca da independência”, foi para os infernos do exílio, voltou aos céus, ao Parlamento, tornando-se tutor de Pedro II para, em seguida, voltar aos infernos, sendo submetido às masmorras da prisão. Pouco antes de sua morte se afastou da vida política, morrendo no ostracismo. O velório de Bonifácio, em Niterói, foi discreto.

Nabuco, de forma semelhante, foi várias vezes aos céus e aos infernos,

ganhou e perdeu eleições, se tornou uma grande liderança progressista e libertária na política nacional do final dos anos 1870 e durante a década de 1880, mas um regressista após a decretação da República. Foi nacionalista ao defender as fronteiras do país contra os interesses da França, frente ao litígio da Guiana, mas também foi considerado anglófilo, americanista, estrangeirista, defensor dos interesses ingleses e norte-americanos no Brasil, etc. Nabuco conviveu como poucos nos palcos centrais dos acontecimentos políticos e culturais do mundo do final do século XIX. Conviveu com chefes de Estado, com lideranças civis, com diplomatas de todo o mundo. Viveu na sua amada Londres quando Londres ainda resplandecia aos últimos ventos da pax-Britânica da primeira metade do século XIX, quando a Inglaterra era a incomparável e hegemonica potência econômica e militar do Ocidente.

Nabuco viveu intensamente os anos ao lado do Barão de Penedo, participando das inumeráveis recepções na mansão da rua *Grosvenor Gardens*. Nabuco acompanhou de perto a mudança ocorrida no capitalismo mundial que transferiu o eixo principal da hegemonia econômica e militar para os Estados Unidos. Entre Washington, que detestava, e Nova York, que o estimulava e o fazia lembrar os tempos de ouro em Londres, Nabuco conheceu o interior dos Estados Unidos e foi um intérprete dos interesses que emergiam do novo padrão hegemônico internacional.

Apesar da proximidade entre Nabuco e a chancelaria norte-americana, é relevante lembrar que o mesmo fora defensor dos interesses latino-americanos. Seu livro *Balmaceda*, que acompanha a trajetória do líder chileno, faz um paralelo entre a ditadura no Chile e os incidentes da Revolta da Armada no governo Floriano. Nabuco foi o primeiro brasileiro a escrever sobre a América-Latina. A própria concepção de América Latina ainda não havia sido disseminada. A referência supra nacional ainda era, privilegiadamente, sub-continental, a América do Sul. A referência da América-Latina se constrói em relação a preceitos culturais, políticos e econômicos e não apenas territoriais. A necessidade de ampliar os conhecimentos sobre a realidade dos países latino-americanos, no sentido de se amparar nas experiências de suas trajetórias é um importante legado do pensamento de Nabuco.

Do centro mundial do poder viu a construção do novo império hegemônico. De monarquista anacrônico e reacionário, tornou-se, novamente, um homem do mundo e um líder brasileiro mobilizador de significativo apoio internacional e popular. Foi dos céus para os infernos, mas voltou aos céus. A descrição de seus velórios, em Washington, Rio de Janeiro e Recife, feita na bela biografia de Ângela Alonso, é ilustrativa do carisma que Nabuco expressou, especialmente no Recife. São também exemplares as demonstrações de respeito e adoração, beirando a idolatria, por parte do povo pernambucano.

De reacionário monarquista contra-revolucionário e regressista, Nabuco foi tornado mito e herói da República, exemplo de nacionalidade e de civismo. Se foi mitificado, também foi desmistificado pela historiografia, que denunciou seu racismo, seu conservadorismo monárquico, seu estrangeirismo anglófilo, seu pan-americanismo de perfil imperialista. Nabuco, antes de tudo, chamou a atenção em seu tempo e depois dele. Notabilizou-se pela vida boêmia e extravagante, por seu perfil dândi e seus modos aristocráticos, por sua postura altiva e sua beleza esfuziante em seus mais de um metro e noventa, a ponto de ser considerado o homem mais bonito de Washington. Antes disto já havia sido considerado um dos jovens mais belos do Império. Sem dúvida o perfil e a trajetória de Joaquim Nabuco corroboram a categoria de clássico. Seus pensamentos, suas ações, e até sua vida amorosa se tornaram instigantes ao ávido público leitor brasileiro. A publicação do romance histórico *Eufrásia*, que retrata a trajetória de Eufrásia Teixeira Leite, é exemplar do interesse dos brasileiros na pessoa, no político, no historiador, no diplomata, no embaixador, no sociólogo e cientista político Joaquim Nabuco.

Como *mythos*, a figura de Nabuco é revivificada continuamente e sob as mais diversas formas. O autor e o político são alçados ao panteão dos heróis pátrios.

Agora, cem anos após o velório, vemos a ressurgência da força inelutável de Nabuco revivendo em uma infinidade de publicações, novas edições, exposições, palestras, trabalhos apresentados em congressos, teses acadêmicas. Revistas especializadas de Ciências Sociais, Literatura, História e Relações Internacionais dedicaram homenagens a Nabuco. Revistas de circulação entre o grande público também retrataram Nabuco com matérias especiais (VEJA, edição 2147, janeiro de 2010; Folha de São Paulo, edição de 17 de Janeiro), em geral reiterando o argumento mítico. Sobressai, cem anos após a morte do autor, um espírito de louvação, um reconhecimento como Herói da Nação.

O que chama a atenção, antes que a idolatria passional, característica de nossa cultura cordial, é o fato de que a força dos argumentos de Nabuco o elevou ao panteão dos grandes da Nação sem que, contudo, estes argumentos tenham se transformado em mudanças radicais. Neste sentido, as teses de Nabuco são atuais e podem ser recolocadas dia a dia no Brasil, passado um século de sua partida. Nabuco lutou pela mudança social e pela conservação política. Virou herói embora muitos de seus argumentos tenham sido derrotados pela história. A mudança social que pretendia não se efetivou, assim como a conservação política ou o seu liberalismo também não.

Ainda em vida Nabuco viveu o ostracismo em face da emergência da República. Foram dez anos difíceis. Não obstante, Nabuco voltaria aos céus, na embaixada de Washington. Mas também nesta posição foi derrotado pelos

argumentos de alguns de seus companheiros de anos e anos, a exemplo de Paranhos, o Barão do Rio Branco. A trajetória de Joaquim Nabuco expressa uma vida de vitórias e muitas derrotas. Como dizia o autor, a abolição eliminou o trabalho compulsório, mas não foi suficiente para superar a obra da escravidão, o que indica que há ainda muito a fazer na ciência, na literatura e na política deste país.

Desde a década de 1990 o pensamento social brasileiro vem ganhando mais espaço nas estantes das livrarias e bibliotecas, tanto daquelas voltadas para o público acadêmico quanto para o leigo. Recentemente, por exemplo, em comemoração ao centenário de morte de Joaquim Nabuco (1849-1910), inúmeras revistas e jornais de circulação nacional publicaram matérias sobre o seu pensamento e sua influência para o fim da escravidão no Brasil. Comumente Joaquim Nabuco é apresentado como o herói do fim da escravidão, reforçando o perfil mitificador. Por outro lado, outras tantas publicações vem procurando minimizar o papel do líder abolicionista, com vistas à afirmação da ação coletiva de muitos outros agentes, defendendo uma visão menos personalista do processo abolicionista e de mudança do final do século XIX (AZEVEDO, 2001, 2004).

Nabuco consta, como não poderia deixar de ser, de uma publicação recente, *Um Enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país* (2009), de André Botelho e Lilia Schwarcz. Percebe-se, no retorno aos explicadores do Brasil, o argumento de que um país não é só um território, mas um conjunto de instituições, tradições e símbolos, construídos por ações e por meio de palavras, interpretações e imaginários. Em outra excelente coletânea de textos clássicos do pensamento político e social brasileiro, organizada por Lourenço Dantas Mota, *Introdução ao Brasil – Um banquete no trópico* (2002, 2004), Nabuco aparece nos dois volumes, por meio de comentadores de três de suas obras, *O Abolicionismo*, *Um Estadista do Império* e *Minha Formação*, ainda que escritos em tempos de amargura, formam uma trilogia de clássicos. O primeiro aparece em qualquer lista de dez livros mais importantes na área que se convencionou chamar de interpretações do Brasil. O segundo entra fácil na lista das cinco melhores biografias. O terceiro faz o mesmo na das cinco melhores autobiografias. Autor de três clássicos é talvez caso único no Brasil. A Gilberto Freyre foi possível emplacar dois, *Casa-Grande e Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Já seu *Ordem e Progresso* não teve a força expressiva dos primeiros livros da trilogia.

Neste dossiê dedicado a Nabuco, o artigo do professor Jean Carlo de C. Costa realça a singularidade do pensamento de Joaquim Nabuco e as interpretações sobre ele produzidas ao longo do século. A despeito de inúmeras críticas a ele associadas, em especial, aquelas que tendem a tornar desimportante a sua trajetória em função de seu suposto “eurocentrismo” e caráter excessivamente aristocrático, produzindo leituras cujo objetivo é “descanonizar”

Nabuco (AZEVEDO, 2001), parece ser impossível, nos termos do autor “não observar em seu projeto de trabalho a agenda de modernização constitutiva de um *ethos* nacional democrático e basilar dos fundamentos da ideia de cidadania, desde as suas primeiras inquietações em torno da escravidão até os desdobramentos dessas em sua preocupação por preservar a liberdade e o ‘derramamento da educação’, apontando, àquele momento, a todo um conjunto de problemas internos à consolidação de um país moderno que, do ponto de vista contemporâneo, ainda parece se presentificar enquanto desafio”.

Seguindo na mesma perspectiva de “singularizar” Nabuco, Henrique Antônio Ré, ressalta o distanciamento do autor em relação às teses professadas pela maioria da *intelligentsia* brasileira. Também conduz o argumento de Nabuco, especialmente em *O Abolicionismo*, o rompimento com a centralidade do critério “raça” como referencial explicativo do povo brasileiro, a exemplo do que faz seu conterrâneo, o pernambucano Sílvio Romero e outros da chamada “Escola de Recife”.

Gabriela Nunes Ferreira, Maria Fernanda Lombardi Fernandes e Rossana Rocha Reis enveredam por outros caminhos, desbravam aspectos da obra de Joaquim Nabuco ainda relativamente pouco estudados, como aqueles referentes ao período imediatamente posterior à Abolição, na transição para a República. O período é de ostracismo e reclusão, no qual Nabuco se afasta da política e passa a se dedicar à família e à religião. Retorna à vida política no segundo escalão, quando assume o primeiro posto de embaixador em Washington. Com a Conferência Pan-Americana e a postura favorável à aproximação privilegiada entre Brasil e Estados Unidos Nabuco entrou em rota de colisão com velhos companheiros, a exemplo de Rio Branco e Rui Barbosa (1849-1923). O texto das jovens pesquisadoras retrata algumas divergências que distanciaram Rui de Nabuco.

Desse período, nos diz as autoras, é possível extrair “Um dos principais pontos de tensão da política hemisférica entre o final do século XIX e o início do século XX”, “a revitalização, por parte dos Estados Unidos, da doutrina Monroe (originalmente formulada em 1823) e, posteriormente, a elaboração do Corolário Roosevelt”.

Aos cem anos da morte de Nabuco, é com o espírito crítico e revivificador que a Revista Política & Trabalho apresenta este dossiê, confirmando que os clássicos não terminam nunca de dizer o que tinham para dizer.

Referências

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Quem precisa de São Nabuco. In: Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, vol. 23, nº 1, Rio de Janeiro, jan/jun, 2001.

_____. *Onda negra, medo branco*. O negro no Imaginário das Elites Século XIX. São Paulo: Annablume, 2004.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília. *Um enigma chamado Brasil*. 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. Radicalismos. *Revista Estudos Avançados*, Vol. 4, nº 8, jan/abril, 1990.

MOTA, Lourenço Dantas (orgs.). *Introdução ao Brasil*. Um banquete nos trópicos, vol. 1, 2002.

_____. *Introdução ao Brasil*. Um banquete nos trópicos, vol. 2, 2004.